

Fé em festa

Cristiano de Araujo Fontes
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA
Doutorando – Etnocologia – Or. Prof. Dr. Armindo Jorge de Carvalho Bião.
Bolsa FAPESB

Busca-se descrever, compreender e discutir a relação de fé e festa nos corpos dos praticantes e na movimentação espetacular dos fiéis da Festa da Padroeira da cidade de Rio Real, na Bahia. Por um lado, mostra-se em que sentido a fé é o elemento decisivo e coesivo de uma comunidade que, durante nove dias de Oração do Terço (novenas), missas e quermesses, renova sua vida social e seus laços comunitários. Por outro lado, discute-se como o elemento festivo e lúdico, em torno do que é, também, uma confraternização pela Natividade de Maria, enquanto modo compartilhado e intenso da comunidade, retroalimenta a própria a fé. Assim, os elementos lúdicos e religiosos se encadeiam numa dinâmica constante.

Palavras-chave: Etnocologia. Fé. Festa. Comunidade-festiva.

Prezado autor, favor adequar seu texto ao limite de 10.000 caracteres.

A Festa da Padroeira de Rio Real que acontece no dia 08 de setembro é um momento de celebração para os rio-realenses¹ num duplo sentido: celebra-se a natividade de Maria (ou seja, o aniversário de seu nascimento) e o aniversário de fundação da Paróquia, que em 2010 completou 155 anos de evangelização. A comemoração é mais do que uma festa é um movimento de fé. Pode-se dizer que é um movimento de fé que se eleva em festa. Fé em Festa.

De todos os Santos Católicos é Maria que se torna a padroeira de Rio Real com o título de Nossa Senhora do Livramento² e a paróquia, que passa assim a se denominar, fundada em 1855, torna-se o referencial religioso, metafísico e plástico para a comunidade nascente³.

¹ Rio Real é município do estado da Bahia, situado a 202 km de distância da capital, com área total de 676 km² e população de 38.095 habitantes, sendo os cidadãos denominados rio-realenses. A cidade fica localizada na Mesorregião do Nordeste Baiano e na Microrregião de Alagoinhas, tendo como municípios limítrofes: Itapicuru, Acajutiba, Crisópolis, Jandaíra, Esplanada e Conde, Cristinápolis (SE) e Tomar do Geru (SE). (Fontes de consulta: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Real, e <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>).

² "Não te agastes, eu, que tudo posso, o livrarei. Se puderes, em algum tempo, edificar-me-ás uma casa" essas palavras são atribuídas a Nossa Senhora que salvou o fidalgo Rodrigo Homem de Azevedo da prisão depois de não se render ao Rei Filipe II da Espanha que invadiu Portugal com suas tropas. (Fontes de consulta: <http://nossassenhoras.sites.uol.com.br/nslivra.htm>).

³ A divisão administrativa ocorria a partir da divisão eclesiástica. Ou seja, o povoado recebia a paróquia e o seu primeiro vigário. As freguesias (atualmente chamadas de paróquia), de acordo com Sant'Ana, transformavam-se nas Vilas e em seus domínios. As Vilas, por sua vez, passaram a se

Durante os festejos as praticas que compõem a Festa e articulam a programação são: as orações da novena, a liturgia da Santa Missa e a Eucaristia, as procissões (são duas até o atual momento) e a quermesse com os leilões. Tais práticas acontecem demarcando o itinerário da festa e se diz que desde os primórdios da festa elas estruturam o evento. Na verdade, pode-se dizer que foi o inverso que aconteceu. Ou seja, a Festa da Padroeira surgiu a partir da organização e correspondência dessas práticas até ser firmada como uma unidade festiva. A dinâmica de organização e correspondência das práticas parte da motivação e disposição coletiva⁴. Isto equivale a dizer que a comunidade rio-realense antes de preparar e fazer a festa possui, previamente, um sentido claro da sua finalidade e importância (seu “para que” e seu “porque”), e, também, o modo de prepará-la de acordo (“como fazer”) e em sintonia (“disposição anímica”) com a concepção-visão do mundo cristão católico.

Neste sentido a pratica festiva em questão é fruto da prática religiosa; a festa a Nossa Senhora estar inserida na religiosidade e não o inverso. Não é uma festa pela festa, nem uma festa que agrega diversos momentos entre o profano e o sagrado, mas uma religiosidade que se eleva em festa, em celebração, em homenagem.

Estrutura festiva: composição das práticas corporais

denominar municípios (SANT'ANA, Francisco C. L. Memórias de Família: estudo genealógico das famílias Lins, Almeida e Alves. Salvador; janeiro de 2003).

⁴Ver Clifford Geertz que vai discorrer sobre a religião como um sistema cultural, um sistema de padrões de sentidos e significados, públicos, partilhados, que orienta e estabelece um modo e sentido de ser no mundo. Ele diz: *Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.* (1989, p. 67)

O termo práticas corporais⁵ indica os fenômenos sócio-culturais que realça e manipula o corpo de modo singular e intenso e que por vezes acaba caracterizando uma comunidade, uma etnia, um povo, enfim, uma relação social. Esta por sua vez tem como principal via de expressão e comunicação as atividades, as práticas e os comportamentos, coletivos ou individuais, espetaculares ou cotidianos, que vão se constituindo e firmando como tradição. Assim, atividades, práticas e comportamentos são modalidades do corpo ou modalidades corporais de um determinado grupo. Neste sentido, toma-se como praticas corporais da Festa da Padroeira de Rio Real: a novena, a Missa e a Eucaristia, a procissão e a quermesse com os leilões.

A novena⁶ é a base da festa e ela surge como momento de oração e louvor à Trindade e a Maria. O Terço de Nossa Senhora e a adoração ao Santíssimo são momentos de contrição e de um corpo que se volta para “dentro de si”. Os fiéis oram num mesmo ritmo. Sentados em firme postura ou no solto do corpo, mãos no terço, olhar sempre à frente em tom de espera, recitação encadeada em movimento circular-espiralado, onde o fim de cada oração segue ao começo da outra, num eterno recomeçar, sendo, tudo isso, em atenção à palavra recitada, palavra “enviada por Deus”. A novena caracteriza-se por uma estranha “peregrinação em repouso”, o que significa dizer que se lança no caminho da palavra a partir de um não movimento, de um pouso em que o corpo volta para si em atenção a palavra perscrutada. A representação dessa peregrinação pode ser apreendida pelo fenômeno da espetacularidade da oração pública, no qual um comportamento coletivo se realça frente às individualidades, formando um único corpo comunitário que se ajoelha, reza, clama, silencia e espera, sempre prostrado diante do altar, mas seguindo a presença de Cristo.

⁵ Um termo corrente dos estudos da Etnocologia, mas principalmente da sociologia e antropologia contemporânea. Marcel Mauss, um dos pioneiros nos estudos das técnicas corporais nos diz em sua definição: *entendo por essa palavra as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos.* (1974, p. 211) No que se refere à Etnocologia, ou a cenologia geral, Jérôme Dubois propõe a questão *Por que e como o humano pensa com seu corpo?* como modo de unir fenômenos tão diversos em um mesmo campo.

⁶ A novena surge como referência aos 9 dias que marcam a ascensão de Jesus e a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e Maria que estão reunidos em oração. Encontra-se essa passagem bíblica em Atos dos Apóstolos 1, 12 -23.

Logo após a novena e a adoração ao Santíssimo se tem a missa. A Santa Missa funda-se a partir da oração, da evangelização e da Eucaristia. De modo sintético pode-se dizer que a oração é o “caminho”, a evangelização é a “palavra” que abre e ilumina o caminho, e a Eucaristia a “confirmação e conversão” ao caminho. Assim a Santa Missa é um ritual litúrgico onde aproxima e indica o fiel ao caminho, à verdade e à vida de Cristo. A representação simbólica da vida, morte e paixão de Cristo não é mera reminiscência cultural sem sentido, passada de geração a geração. O sentido não é a pura e simples reconstituição dos fatos, mas guardar e transmitir (ou seja, preservar) vigor e frescor espiritual da vida e dos ensinamentos de Cristo, assim como, de todos aqueles que se convertem à sua consciência, demasiadamente, humana. Na relação entre oração, evangelização e Eucaristia que sustenta o sentido da missa, a prática coletiva mais significativa da Igreja e da comunidade católica, se observa uma dinâmica grupal “do se dar as mãos” e “do estar junto nessa caminhada”, muitas vezes contagiante. A comunidade é completamente recíproca ao ritmo litúrgico que o pregador imprime e no período de festa suas ações e representações corporais de devoção ficam exacerbados. Não é raro ver momentos de muita emoção entre as pessoas ao “pé do altar”, em frente à imagem do Livramento ou durante a comunhão.

Outra prática que compõe o itinerário da festa são as quermesses. Momentos de rápida confraternização, que acompanha a comunidade em todos os dias da novena, como contraponto espiritual do ritmo religioso. Na quermesse a comunidade conversa entre si, compra e vende o que comer⁷ ou alguma lembrança dos artesanatos locais, observa crianças brincando ao redor da Igreja, contempla a noite estrelada ou iluminada pela lua, retoma os papos cotidianos e retorna para a casa. A quermesse marca não apenas o fim da noite, mas o aproximar da outra; do próximo dia e da próxima noite de festa – “agora só amanhã!” ou “ta preparado para amanhã?”, diz a comunidade.

E no último dia de Festa (08/09) a quermesse fica ainda mais enfeitada, abrigando os leilões no seu espaço e compondo com os ambulantes, que agora se agregam aos festejos nas ruas adjacentes à Igreja, um lindo mosaico colorido com brinquedos e jogos, barracas com diversos produtos à venda e com os currais de

⁷ Foi registrada uma diversidade de salgados, sanduíches, tortas, bolos, doces, além de suco, refresco e refrigerante – não havia venda de bebida alcoólica.

onde vão sair o arremate de gado e ovelha no final do leilão. Neste dia a festa eleva-se ao seu auge, a fé é pura alegria e em cima dos ânimos fiéis são festeiros e horizonte é festejar. A festa estala como pipoca. A quermesse torna-se palco e cenário para a função da alegria e do convívio social mais humano e coletivo dos rio-realenses. Ao centro, a Igreja, que fica agora circundada por um cinturão colorido e pulsante de gente. O limite religioso possui uma nova circunferência, estendida até a rua; uma porta de alegria que embeleza e eleva ainda mais o sagrado.

Por fim, as procissões compõem a unidade da Festa da Padroeira. Atualmente são duas: a dos motoristas e motociclistas e a de Nossa Senhora do Livramento. A primeira vem acontecendo aos domingos⁸ e é acompanhada por imenso cortejo de automóveis e motocicletas. Enfrente à Igreja os padres benzem todos que na procissão passam, salpicando muita água benta nos fiéis com um grande ramo de planta. Esse processo ritual se estende por duas horas, desde a saída da procissão na Comunidade de São Francisco, que fica num dos extremos da parte urbana da cidade, até o cumprimento do ritual na passagem dos últimos veículos enfrente a matriz. Sem dúvidas, é um dos dias que arregimenta grande parte dos católicos do município, fazendo a parte externa da Igreja, o pátio, ficar exageradamente, cheia.

Já a última procissão (08/09), a procissão Solene, é típica do catolicismo popular⁹. Na frente do andor da imagem do Livramento vão estandartes levando mensagens de amor e paz e identificando as comunidades religiosas do município. Em seguida vem a ordem religiosa composta pelos padres da paróquia, ministros, coroinhas, e todos os mais próximos dos trabalhos diários da Igreja. Logo após vem o andor puxado por fiéis e atrás o “Povo de Deus”, o “Povo de Maria”, o “Povo de

⁸ No ano de 2009 ocorreu no dia 06/09 e neste ano aconteceu no dia 05/09, ambos no domingo. É um dia estratégico no qual as pessoas estão de folga do trabalho e, assim, têm oportunidade de participar com seus familiares da procissão. Como curiosidade, além de motos e carros, passa na procissão ônibus, caminhões, tratores e bicicletas.

⁹ Importante, também, é situar que a visão de mundo em meados do século XIX, nesta mesma freguesia do Livramento, não se distancia das concepções do medievo, onde o cristianismo se sobrepõe com intenso vigor. Não é difícil notar, pelo menos no que se refere à “Pátria do Sertão” (como diz Elomar), que reverberações e traços desse modo de pensar e agir ainda passeiam e se fazem sentir nas paragens dos tempos contemporâneos. Os trabalhos pastoris dos vaqueiros e as tradições religiosas e festivas do catolicismo popular, guardado pelo mesmo espírito de fé, esperança e trabalho, de outrora, tomam novas roupagens sem perder o eixo compreensivo que os alimentou e vivificou – o mundo encantado dos Santos Evangelhos. A Festa da Padroeira vive este mundo encantado, guardando sua palavra e perscrutando seu caminho.

Cristo”, enfim, a comunidade católica rio-realense rezando, louvando, cantando. A procissão segue um trajeto simbólico, histórico e existencial. Simbólico porque remete sempre a passagens bíblicas da vida de Jesus e de Maria, e de modo ainda mais antigo, da Arca da Aliança e do “Povo Eleito” de Deus. Histórico porque esta procissão passa de geração em geração, em Rio Real, buscando resguardar e dar vida ao imenso patrimônio cultural do cristianismo, que são as palavras humanas do Cristo. Existencial porque a comunidade assume como sua a necessidade de seguir esse mesmo roteiro, esse mesmo caminho, e fazer de si continuidade desse povo. Faz da existência um palco teatral, pois previamente sabe o enredo que se partilha durante a cena que se cumpre. Neste caso, a cena é a própria festa que se plasma do convívio social, e o enredo, a metafísica cristã, a compreensão de mundo que orienta não só a Festa da Padroeira, mas as práticas cotidianas e espetaculares da comunidade católica de Rio Real.

No fim do trajeto da procissão renovam-se as esperanças e as últimas ações solenes de encerramento, trazem o fim dos festejos e o iniciar da jornada para o próximo ano. Enfrente à Igreja, sobre sua escadaria, o altar é instalado para a última missa da Festa, enquanto o andor com a imagem, repousado mais abaixo, fica circundado pelos fieis que acompanharam a procissão. A queima de fogos e o voltar para casa dão um “ponto final” aos festejos? Não! Precisamente, um ponto de continuação, pois o próximo ano se anuncia, e já se anuncia no próximo dia.

Referências Bibliográficas

- BIÃO, Armindo J. C. Matrizes Estéticas: o espetáculo da baianidade. In Etnocologia e a cena baiana: textos reunidos. – Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- Bíblia Sagrada. São Paulo: EDITORA AVE-MARIA, 2002.
- CAVALANTE SCHUBACK, Márcia Sá. Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- FONTES, Cristiano A. As orações da noite: a espetacularidade da prática do terço de Nossa Senhora da Comunidade do Salgado Grande. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de pós-graduação em artes cênicas, Escola de teatro, Escola de dança – 2008.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.; RJ. 1989.

- HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 13 Ed. Petrópolis, RJ, Editora Vozes; Bragança Paulista, SP, Universidade São Francisco, 2004
- HOORNAERT, Eduardo. Formação do catolicismo brasileiro, 1550 – 1800. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1978.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Trad. Lamberto Pucenelli. v II. São Paulo: EPU, 1974.
- MELLO, Elomar Figueira. Das Barrancas do Rio Gavião. São Paulo; Polygram, 1973.
- LALANDE, André. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PASSOS, M. O catolicismo popular. In. A festa na vida: significado e imagem / Mauro Passos (organizador). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Vários autores.
- SANT'ANA, Francisco C. L. Memórias de Família: estudo genealógico das famílias Lins, Almeida e Alves. Salvador; janeiro de 2003
- DUBOIS, Jerome. Para uma cenologia geral. Comunicação no Colóquio Internacional de Etnocenologia; Belo Horizonte, 3 de Agosto de 2009.
- <http://www.etnocenologia.org/anaisvicoloquio/sumario.htm>
- <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Real
- <http://nossassenhoras.sites.uol.com.br/nslivra.htm>